

**A FORÇA NAVAL DA CHINA VERSUS OS INTERESSES
NACIONAIS DA CHINA:
Perspectivas para o período de 2007 a 2020.**

Capitão-de-Corveta (T) Sylvio Roberto Oliveira de Faria

O Capitão-de-Corveta (T) Sylvio Roberto Oliveira de Faria é graduado em Educação Física (com especialização em Treinamento Desportivo) e foi aluno do Curso Superior da Marinha do Brasil (C-SUP) no ano de 2007.

RESUMO

País com uma economia vigorosa e um sistema político extremamente fechado, a China, na atualidade, é o principal pólo concentrador de empresas multinacionais norte-americanas, européias e asiáticas. A reboque desta economia em permanente expansão (em média, 9% nos últimos cinco anos), também vem ocorrendo e alarmando o Sistema Internacional, um outro perigoso crescimento: o do poderio militar chinês. Burlando o silêncio e a dissimulação de Pequim, já é possível identificar algumas movimentações estratégicas, sendo a mais importante, o aumento progressivo do orçamento anual destinado ao setor da Defesa (em 2007, foi o segundo maior do planeta). Apesar das autoridades chinesas, norteadas pelos interesses nacionais vigentes, negarem, com veemência, qualquer tipo de aspiração expansionista ou agressiva, a questão continua em aberto. Em meio a este complexo contexto político e econômico, delimitado pelo período de 2007 a 2020 e pelo foco na força naval da República Popular da China (segmento do Exército Popular de Libertação), este trabalho apresenta os aspectos históricos, geográficos, sociais, políticos nacionais, econômicos e políticos internacionais, correlacionando-os com os interesses nacionais chineses vigentes. A partir das correlações estabelecidas, são extraídas importantes questões estratégicas, as quais, necessariamente, justificam o estabelecimento de um poder naval adequado. Aprofundando esta percepção, subsidiadas pelo conhecimento da atual estrutura militar chinesa, são delineadas duas opções: uma modernização e reaparelhamento naval com fins pacíficos ou uma modernização e reaparelhamento naval com fins não-pacíficos.

Palavras-chaves: República Popular da China. Interesses Nacionais. Forças Armadas da China. Exército Popular de Libertação. Força Naval Chinesa. Força Aérea Chinesa. Exército Chinês. Partido Comunista Chinês. Taiwan. Estratégia Naval.

ABSTRACT

Country with a vigorous economy and an extremely closed political system, China is the main concentration center of North American, European and Asian multinational companies nowadays. Besides this economy in permanent expansion (about 9% in the last five years), another dangerous growth is happening and putting the International System into alarm: the Chinese military power. In deceiving Beijing's silence and dissimulation, it's already possible to identify some strategic movements. The most important one is the progressive increase of annual budget for Defense Sector (the second in the world, in 2007). Although Chinese authorities, guided by the national interests in course, deny vehemently any kind of aggressive or expansionist aspiration, the questions is still undefined. Inside this complex economic and political context, limited by the period of 2007 – 2020 and focusing the naval force of People's Republic of China (a segment of People's Liberation Army), this presentation shows the historic, geographic, social, economic, national and international political aspects, comparing these aspects with the Chinese National interests. After the establishment of this correlation, important strategic questions are extracted and necessarily justify the establishment of an adequate naval power. In going deeper in this perception and considering the knowledge of the actual Chinese military structure, two opinions are drawn: a modernization and refitting for pacific aims or a modernization and refitting for non-pacific aims.

Keywords: People's Republic of China. National interests. China's Armed Force. People's Liberation Army. Chinese Naval Force. Chinese Air Force. Chinese Army. Chinese Communist Party. Taiwan. Naval Strategy.

INTRODUÇÃO

Amplamente noticiado pelos veículos de comunicação (COSTA, 2007, pp. 42-43), o anúncio do orçamento militar da República do Popular da China (RPC) para o ano de 2007, oficialmente na casa dos 50 bilhões de dólares, ou seja, 18% maior que o de 2006, causou grande impacto e concitou a opinião pública internacional a refletir sobre dois questionamentos básicos: como e onde a República Popular da China (RPC) aplicará estes recursos?

Tendo em vista a já conhecida postura dissimulada do governo chinês e a resultante indisponibilidade de dados oficiais, pode-se facilmente depreender que as respostas decorrentes não são de fácil formulação. Corroborando a lógica de que onde não há clareza, há especulação, a mesma opinião pública internacional, norteadada pela atual multilateralidade e imprevisibilidade do Sistema Internacional (SI), passou a difundir a hipótese de que a RPC esteja

ampliando o seu poderio militar para resguardar os seus interesses nacionais, sejam eles pacíficos ou não.

A partir deste cenário, considerando a complexidade apresentada e opções pessoais do autor, formulou-se o problema a ser estudado, tendo o mesmo, as seguintes delimitações: a Força Naval da RPC (marinha), o período de 2007 a 2020 e os atuais interesses nacionais da RPC. Em outras palavras, o problema a ser estudado pode ser exposto por meio do seguinte questionamento: à luz dos interesses nacionais da RPC, tendo como delimitação temporal o período de 2007 a 2020, de que forma (em bases racionais e lógicas) o governo de Pequim deve conduzir o imprescindível processo de modernização e reaparelhamento da sua força Naval?

No que tange à relevância do presente estudo, ressalta-se que a problemática chinesa pode trazer valiosos ensinamentos para o Brasil e para a Marinha do Brasil, principalmente na conscientização e disseminação da importância estratégica de se constituir, preparar e operar uma marinha de guerra moderna e adequadamente equipada, em face das reais necessidades nacionais e ameaças estrangeiras. A coleta de subsídios para futuras revisões de conceitos estratégicos afetos ao âmbito naval é um outro ponto relevante a ser ressaltado.

Sobre o problema em estudo, há uma grande quantidade de publicações e artigos “idôneos” sobre assuntos correlatos (alguns de grande profundidade e outros superficiais), tais como história, economia, forças armadas e estrutura política chinesas. Todavia, não foram identificadas abordagens diretas, capazes de responder, por completo, o questionamento proposto.

Especificamente, diante desta obscuridade, o presente trabalho tem como objetivos, a abordagem e elucidação dos seguintes pontos:

- § A identificação e os fundamentos dos atuais interesses nacionais da RPC;
- § As implicações militares decorrentes dos interesses nacionais chineses; e
- § O delineamento, considerando as delimitações já especificadas, de estratégias capazes de viabilizar os imprescindíveis reaparelhamento e modernização da força Naval da RPC.

Inicialmente, visando uma maior contextualização, serão abordados os aspectos históricos, geográficos, sociais, econômico e políticos da China. Complementando esta parte inicial, serão descritos e analisados os interesses nacionais da RPC (o que inclui os seus fundamentos ou correlações com os aspectos supracitados e implicações militares).

Em seguida, serão expostos a atual situação do Exército Popular de Libertação (EPL) da RPC e um panorama relativamente atualizado das suas forças terrestre (exército), aérea (aeronáutica), naval (marinha) e estratégicas e nucleares (satélites, mísseis e artefatos nucleares).

Concluindo o desenvolvimento desta pesquisa, focando a Marinha Chinesa, serão apresentadas duas suposições: o seu reaparelhamento e a sua modernização com fins pacíficos (de caráter defensivo ou dissuasório) e o seu reaparelhamento e a sua modernização com fins não-pacíficos (de caráter ofensivo ou expansionista).

Finalizando este estudo, a conclusão elaborada sintetiza e ressalta as argumentações apresentadas ao longo da obra.

A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

Na atualidade, a palavra China está associada às seguintes expressões: “ameaça regional e global”, “ditadura”, “potência econômica”, “potência militar” etc. Afinal, o que vem a ser a República Popular da China (RPC)? Quais são as suas raízes históricas? Quais são as suas estruturas política, social e econômica. Nas seções seguintes, com a finalidade de identificar os alicerces e implicações dos interesses nacionais chineses, serão respondidos estes e outros questionamentos fundamentais.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Estima-se que a partir do século XVIII a.C., como fruto do natural processo de organização social, teve origem a sucessão de dinastias que governaram o povo chinês até o ano de 1912. O apogeu do Império chinês deu-se no período da dinastia Sui-Tang e o seu colapso deu-se na dinastia Qing.

Em grande parte, a queda deste império está relacionada à auto-suficiência do mesmo, em face das marcantes inovações econômicas e tecnológicas que, em meados do século XVIII d.C., redefiniam e redimensionavam a civilização ocidental e da incursão das potências européias no território chinês, as quais ansiosamente buscavam matérias primas e novos mercados para atender às demandas da Revolução Industrial (origem das inovações). Sem se dar conta da gravidade do processo que estava em andamento e do potencial das nações invasoras, o império chinês optou pela guerra sem se preparar adequadamente e sem avaliar as possibilidades bélicas das nações espoliadoras². Como estava atrasado tecnologicamente, foi sucessivamente derrotado e amargou dissabores³ que comprometeram a autoridade imperial e a soberania nacional.

Desmoralizado, o Império entrou num contínuo processo de deterioração e o seu território foi loteado em zonas de influência, as quais foram geridas por

² Contrariando dois importantes fundamentos da “Arte da Guerra” (SUN TZU, 2005, p.46).

³ Desmoralização diante do seu povo; eclosão de rebeliões internas em resposta ao progressivo empobrecimento econômico (em curso desde o final do século XVIII) e seus efeitos derivados (desabastecimento, fome, desemprego etc.); e pagamento de pesadas indenizações de guerra; perda de territórios e a abertura de diversos portos às nações européias (Hong-Kong é o exemplo mais famoso).

Inglaterra, Rússia, Alemanha e França. Complementando esta ocupação, o Japão, pela primeira vez, invade o território Chinês (durante 1894 e 1895), ocupando Taiwan.

Após a Revolta dos Boxers, começam a ganhar força os movimentos nacionalistas contrários ao império e à presença de nações estrangeiras em território chinês⁴. É neste momento que emerge a liderança de Sun Yatsen, o qual, posteriormente, em Nanjing (1º de janeiro de 1912), viria a ser designado presidente provisório da República da China. Também neste momento, ganha importância no contexto político, o Partido Guomindang⁵.

A partir da primeira proclamação da república (1912), com a consequente abdicação do último imperador, chega ao poder, de forma consensual, o General Yuan Shikai. Apesar da tentativa de implantação da democracia, a reforma política não logra êxito e uma ditadura é imposta pelo presidente em exercício.

Com o falecimento do General Yuan Shikai em 1916, a República da China mergulha no caos, sendo repartida em dois Estados: o das cidades portuárias afetadas pelo Tratado Comercial (celebrado ao término da Revolta dos Boxers) e o dos proprietários do norte apoiados pelo “Senhores da Guerra”. O confronto entre as partes é inevitável e Sun Yatsen retorna à cena política para lutar pela unificação nacional.

Em paralelo a estes últimos acontecimentos, a teoria Marxista, introduzida na China no início do século XX, começa a ganhar simpatizantes e, com a combinação dos fatores caos político reinante e sucesso da Revolução Russa, acaba por florescer no território do ex-Império do Meio. Consolida-se a liderança do comunista Mao Zedong (Mao Tsé-tung).

Em 1923, por não ter recebido ajuda ocidental, Sun Yatsen alia-se ao Partido Comunista Chinês (PCCh) e, posteriormente, aceita a colaboração dos revolucionários soviéticos. Estava constituída a estrutura militar e política que viria a eliminar os poderosos “Senhores da Guerra” e reunificar o País (1927).

Surpreendentemente, logo após a reunificação supracitada, os nacionalistas do Partido Guomindang⁶ rompem com os Comunistas e nova guerra civil é deflagrada. Com menor poderio militar, os comunistas se refugiam na região norte do país e iniciam tenaz guerrilha rural. É nesta fase da história que ocorre “A Grande Marcha”.

No período compreendido entre 1931 e 1945, que encampa a Segunda Guerra Mundial, ocorreu a segunda invasão japonesa ao território chinês. Este fato, incredivelmente, no período de 1937 a 1945, interrompeu a guerra civil em andamento, para que nacionalistas e comunistas pudessem combater o inimigo em comum⁷. Com a derrota japonesa em 1945, a guerra civil recomeçou e perdurou até o ano de 1949.

⁴ Imperialismo estrangeiro.

⁵ Ou Kuomintang (que significa Partido do Povo).

⁶ Liderados por Jiang Jiesh (ou Chiang Kaishek).

⁷ Japão.

Após a vitória dos Comunistas, liderados por Mao Zedong e apoiados pela extinta União Soviética, imediatamente, foi proclamada a República Popular da China (RPC). Aos Nacionalistas, liderados por Jiang Jiesh e apoiados pelos EUA, restou o exílio na ilha de Taiwan⁸.

A partir da 2ª proclamação da república (1º de outubro de 1949), importantes acontecimentos históricos de repercussão internacional⁹ enriqueceram, ainda mais, a já rica história da nação chinesa. Num contínuo “processo de ensaio e erro”, a economia, a sociedade, a indústria e todos os demais segmentos estruturais sofreram e vêm sofrendo intervenções do PCCh.

Apesar dos percalços e tragédias¹⁰, finalmente, a partir do final dos anos 80, ocorre a transformação da RPC: o atraso e anarquia dão lugar à ordem pública e ao desenvolvimento econômico e tecnológico. Sobre um território de significativa complexidade geográfica, se estabelece e passa a prosperar, uma potência econômica e militar com imensos desafios e problemas sociais.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS RELEVANTES

Com 9.572.900 km², a RPC é a terceira¹² maior nação do mundo em extensão territorial. Está localizada no Leste Asiático e possui fronteiras terrestres com quatorze nações, dentre as quais destacam-se a Rússia, a Coreia do Norte, a Índia e o Paquistão¹³. Salienta-se, também, a proximidade do Japão, Coreia do Sul e Austrália.

No que se refere às fronteiras marítimas, a RPC é banhada ao Leste pelo Mar Amarelo, a Sudeste pelo Mar da China e Estreito de Taiwan e ao Sul pelo Mar da China Meridional. Neste aspecto é importante ressaltar a proximidade dos estratégicos Golfo Pérsico, Mar da Arábia e Oceanos Índico e Pacífico.

O relevo chinês, “[...] no seu conjunto [Sic] forma uma escadaria colossal que [Sic] em patamares [Sic] vem descendo desde os pontos mais altos do Tibet até o oceano Pacífico. Junto à costa há mais de 3.000 ilhas.” [...] (<http://pt.wikipedia.org>). Se ao leste e ao norte, o perfil altimétrico é extremamente acidentado, ao leste e ao sudeste, respectivamente, apresenta planícies e altitudes moderadas.

⁸ República da China até o ano de 1971.

⁹ Participação da RPC na Guerra da Coreia (de 1950 a 1953); invasão e ocupação do Tibet (1958); domínio da produção de artefatos nucleares (1964); reconhecimento da RPC como a única representante legítima da nação chinesa perante à ONU (1971); queda, afastamento do poder e encarceramento de líderes da ala radical do Partido comunista Chinês (1976); ascensão ao poder da ala progressista do Partido Comunista Chinês (1976); implementação, no período de 1978 até 1997, da Política governamental “As Quatro Modernizações” (na Agricultura, Ciência e Tecnologia, Defesa e Indústria). Também neste período, foi levado a efeito uma moderada reforma política; morte de Mao Zedong e de seu provável sucessor, Chu Em-lai; “Massacre da praça da Paz Celestial” (1989); prosseguimento e consolidação das reformas supracitadas e transformação da RPC em potência econômica, militar e tecnológica; e admissão da RPC na OMC (2001).

¹⁰ O fracasso da Política Governamental “O Grande Salto para Frente” e “Revolução Cultural”.

¹² Ou quarta, pois há algumas controvérsias territoriais.

¹³ Nações detentores de armas de destruição em massa (artefatos nucleares).

Mas a grandiosidade da China não está restrita ao tamanho do seu território. Com uma densidade demográfica em torno dos 140 habitantes por quilômetro quadrado, o equivalente a uma população de 1,3 bilhão de habitantes, este país apresenta uma complexa e contraditória geografia humana.

QUADRO SOCIAL

A questão social ainda preocupa, e muito, as autoridades de Pequim, visto que, comprovadamente, cerca de 55% da população continua posicionada abaixo da linha da pobreza (ver o anexo D). Dando o seu testemunho sobre esta grave situação, Trevisan (2006, pp. 53-59) assinala que a China está dividida em duas: a dos abastados (existente dentro das Zonas Econômicas Especiais¹⁴) e a dos pobres (existente fora das Zonas Econômicas Especiais¹⁵). Enquanto na primeira há empregos e melhores condições de vida, na segunda a situação é inversa, pois há carência de quase tudo e muito há de se fazer e prover. Ainda sobre esta questão, Trevisan (2006, p. 52), faz a seguinte consideração incisiva:

A nova China que aparece no Ocidente tem um endereço certo: ela é representada pela classe média emergente que vive nas grandes cidades da costa leste do país [...]. Essa região liderou o crescimento econômico dos últimos 27 anos e se distanciou do restante do país, especialmente das províncias pobres do oeste. O Partido Comunista, que por definição deveria reduzir injustiças, vive o dilema de dirigir um dos países no qual a desigualdade aumenta mais rapidamente em todo mundo. As disparidades são crescentes entre as regiões leste e oeste, entre o campo e a cidade e entre ricos e pobres.

Não obstante a crescente insatisfação dos “excluídos” chineses e do lentíssimo afrouxamento do regime, a atual situação política interna aparenta ser estável. Na busca e manutenção permanentes desta estabilidade, apoiada sobre uma estrutura autocrática e cuidadosamente articulada, atua uma poderosa instituição estatal: o PCCh.

ESTRUTURA POLÍTICA

Desde 1978, com ou sem intenção prévia, a RPC tornou-se o “laboratório” onde está sendo testada a combinação das correntes teóricas do Liberalismo e do Marxismo, ou seja, uma ideologia híbrida que o Governo de Pequim chama de “[...] economia de mercado com características socialistas [...]” (GRYZINSKI, 2006, p. 106, grifo nosso). Logrando êxito, repetindo processos históricos globais

¹⁴ Pequim, Xangai, Shenzhen, Nanquim e Guangzhou.

¹⁵ Periferia das Zonas Econômicas Especiais e áreas rurais.

do passado, este modelo será adotado por inúmeras nações. Fracassando, ficará evidenciado que os fundamentos e estruturas Marxistas não são compatíveis com os fundamentos e fenômenos Liberais¹⁶.

Na prática, o que se observa é a vigência de uma ditadura partidária criteriosamente planejada, estabelecida, coordenada, conduzida e monitorada pelo PCCh. Nesta configuração, governo, poder e a única opção política existente formam uma simbiose extremamente coesa.

Apesar dos impressionantes avanços econômicos e da significativa ascensão social¹⁷ contabilizados nos últimos 28 anos, ainda não é possível contestar o governo central sem que se corra o risco de sofrer sanções legais. Na RPC, é permitido prosperar economicamente, mas não é permitido “conjuguar”, aberta e livremente, os verbos relacionados às democracias praticadas nas nações de maior desenvolvimento social e econômico, ou seja, questionar, cobrar, denunciar, recusar, liberar, protestar, pressionar, enfrentar, eleger etc.

Sobre o PCCh e a estrutura política da RPC, Trevisan (2006, pp. 79-86), com muita precisão, faz as seguintes asserções:

No poder desde 1949 e com 68 milhões de filiados, o partido é considerado o maior movimento político do mundo e está presente virtualmente em todas as instituições da sociedade chinesa: governo, fábricas, universidades, organizações de bairros, entidades de classe, empresas estatais, escolas secundárias e até McDonald's. Não há pluralidade partidária nem alternância de poder na China. Apesar de formalmente existirem mais oito partidos, todos se submetem à orientação do PCCh e nem de longe ameaçam sua supremacia. Os comunistas controlam as administrações em todos os níveis e não há uma fronteira clara entre o Partido e o governo. [...] Fiel ao centralismo democrático marxista-leninista, o sistema de poder do PCCh tem uma estrutura piramidal: na base está o Congresso Nacional do Partido Comunista, que se realiza a cada cinco anos e traça as linhas mestras de atuação para os cinco anos seguintes. No congresso é eleito o Comitê Central do Partido, um grupo de aproximadamente 350 pessoas que se reúne em regra uma vez por ano. Desse grupo, saem os integrantes de cinco órgãos

¹⁶ Globalização, capitalismo, cooperação, liberdade, democracia, individualidade etc.

¹⁷ Nas Zonas Econômicas Especiais e no aspecto macro, uma vez que houve uma redução significativa do número de miseráveis (TREVISAN, 2006, p. 55).

dirigentes, entre os quais o Politiburo, a Secretaria-Geral e a Comissão Central Militar.[...] A cúpula do partido também tem a chance de sentir o pulso do restante do país nas reuniões anuais do Congresso Nacional do Povo, que se distingue do Congresso do Partido Comunista por ter representantes de outros setores sociais, como religiosos e integrantes de minorias étnicas, além dos oito partidos que contam com a chancela do governo. Formado por 3 mil pessoas, o Congresso Nacional do Povo tem pouco poder decisório e normalmente ratifica posições já adotadas pelo Comitê Permanente do Politiburo. Mas no encontro, que em geral dura dez dias, os dirigentes se reúnem com representantes das mais diversas regiões do país e podem perceber onde há eventual insatisfação com o governo central.

Apesar da repulsa e ceticismo dos países democráticos, o rigoroso controle social imposto pelo PCCh, agregado a outros elementos estruturais, tem implicado em surpreendentes ganhos econômicos nacionais, e por que não dizer, internacionais. A conjunção dos fatores controle e fomento estatal, disciplina do operário chinês, mão-de-obra barata e abundante e demanda interna, potencializada por elementos externos, tais como investimentos maciços e demandas geradas em outros países, transformou radicalmente a economia da RPC. Se há 25 anos, a mesma era caótica e limitada, hoje, e já há algum tempo, ela é o “motor” que estimula, movimenta e impacta, sem exceções, todos os mercados mundiais (FISCHMAN, 2006, pp. 9-21; 277-324).

A ECONOMIA

Não é tarefa fácil descrever, em poucas linhas, a complexa e importante estrutura econômica da RPC. Atual “Meca” do mercado internacional e exemplo mais contundente do que vem a ser o fenômeno da “globalização”, a economia chinesa está afetando, de formas negativa e positiva, todos os demais mercados do planeta. Ignorá-la pode resultar em enormes perdas financeiras ou mesmo, em alguns casos, implicar em quebras e falências. Mas do que nunca, os demais países precisam estar atentos ao significado contemporâneo e profundidade da expressão “negócio da China”.

País com o maior crescimento econômico desde 1980 (JARDIM, 2006, p. 148), o PIB chinês já é o quarto maior do mundo e, segundo especialistas, brevemente, ocupará a segunda colocação. Quanto à superação do PIB da única superpotência do planeta, os EUA, previsões otimistas indicam que tal fato

poderá ocorrer ente 2030 e 2040, caso a RPC mantenha o seu atual ritmo de crescimento (TREVISAN, 2006, pp. 25-26).

Se antes de 1978, a RPC era uma nação basicamente agrícola, hoje ela é uma nação fortemente industrializada. A produção de bens de última geração, tais como computadores, televisores, celulares, relógios digitais, submarinos nucleares, artefatos nucleares, satélites e foguetes espaciais colocam o antigo Império do Meio no “primeiro mundo” da tecnologia mecânica, eletrônica, nuclear, espacial e digital.

Com relação ao fomento estatal mencionado no tópico anterior, cabe destacar que o mesmo é materializado, principalmente, pela política de criação de Zonas Econômicas Especiais¹⁸, nas quais, atraídas por incentivos fiscais e pelo baixo custo de produção, vêm atuando e prosperando poderosas empresas multinacionais, mediante compromisso contratual de transferência de tecnologia para a RPC.

Sobre o atual quadro econômico chinês, Fishman (2006, p. 23) tece os seguintes comentários:

A China se tornou indispensável para outros países tanto como cliente quanto como fornecedor. O Japão e a Alemanha possuem hoje grandes superávits comerciais com a China porque esta é a maior compradora mundial de maquinaria industrial e necessita do equipamento fabricado naqueles dois países a fim de passar a produzir as máquinas e produtos eletrônicos agora feitos na Alemanha e no Japão. Os países ricos em recursos naturais fazem bons negócios vendendo à China as matérias primas que esta transforma em suas fábricas, além dos recursos energéticos necessários para fazê-las funcionar. Segundo cálculos de Stephen Roach, economista-chefe da Morgan Stanley, em 2003 os chineses compraram 7% do petróleo mundial, um quarto de todo o alumínio e aço, quase um terço do minério de ferro e carvão e 40% do cimento de todo o globo. A tendência é que essas quantidades cresçam mais.

L.J. (2006, p. 155), ao descrever a relação de interdependência EUA-RPC, que, em última análise, afeta todo o sistema econômico-financeiro internacional, apresentou os seguintes comentários:

¹⁸ Criadas para viabilizar as reformas econômicas iniciadas pelo ex-Presidente Deng Xiao Ping (FISHMAN, 2006, p. 97).

Em 1995, apenas 5% dos produtos que a gigante Walmart vendia nos Estados Unidos saíam de suas fábricas. Hoje, um de cada dois produtos vendidos pela Walmart vem da China. O significado disso é muito maior do que a indicação de que a China e Estados Unidos mantêm intenso comércio bilateral e uma aliança umbilical nas finanças – quase todo o dinheiro que os americanos gastam comprando artigos chineses volta ao país quando o governo chinês devolve a gentileza adquirindo títulos do Tesouro americano.

Quanto à estabilidade deste mesmo sistema econômico, há uma forte desconfiança pairando sobre o mercado internacional. Como problema mais agudo pode-se citar a fragilidade do sistema financeiro, o qual, segundo fontes externas, apresenta uma inadimplência da ordem de 30% dos financiamentos internos efetuados (TREVISAN, 2006, pp. 211-212).

Com sua gigantesca população, a RPC tornou-se um verdadeiro “buraco negro” (RICUPERO, 2004) em pleno planeta terra, uma vez que, em escala crescente vêm consumindo quantidades imensas de recursos naturais e produtos manufaturados produzidos pela demais nações do globo (ver o anexo A). Como não é possível aumentar a produção destes recursos na proporção que estão sendo requeridos, importantes arranjos econômicos foram, estão sendo ou serão naturalmente revistos, ou seja, nos mercados onde prosperavam somente as demais potências econômicas, agora também prospera, como líder ou forte concorrente, a RPC. Obviamente, esta reorganização econômica vem promovendo e, por tempo indeterminado, continuará a promover alterações geopolíticas significativas, pois, na medida em que a China enriquece e se desenvolve, aumenta, gradativamente, o seu peso e poder no SI.

O PESO DA RPC NO ATUAL SISTEMA INTERNACIONAL

Membro permanente do Conselho de segurança da ONU, a RPC gradualmente vem assumindo uma posição de destaque no SI. O diagnóstico conclusivo não é incontestável, mas, ao que tudo indica, tal fato pode ser uma decorrência da conjugação de três fatores: a atual pujança econômica da RPC, o atual cenário político caracterizado pela multilateralidade e a ampliação do fenômeno global denominado “antiamericanização”.

Conforme abordado no tópico 1.5, o mundo está se voltando para o atraente mercado chinês. Como consequência, este redirecionamento de fluxos econômicos está contribuindo para a alteração do cenário político internacional. O resultado decorrente desta reorganização é que, a cada momento, ampliam-se e aprofundam-se as relações internacionais envolvendo a RPC.

Sobre a atual diplomacia chinesa no SI, Sandschneider (2005, p.13), de forma precisa, faz os seguintes comentários:

Em parte nenhuma a abordagem pragmática básica da política chinesa pode ser delineada melhor que em sua política externa. Os políticos chineses calculam com muita precisão como deverão lidar com seus parceiros internacionais. E lançam mão de todo o leque de possibilidades de que dispõem: retraídos e com pressão dosada diante dos EUA, ousados e provocadores diante do Japão, cooperativos e convidativos em relação à Europa e parceiros, embora às vezes dominadores em relação aos seus vizinhos no sudeste asiático.

Inquietando o planeta, este incontestável aumento do peso político chinês tem provocado ou potencializado fricções políticas e econômicas envolvendo os atores RPC, Japão, Taiwan e EUA (LOONG, 2005, pp. 103-108).

TENSÕES INTERNACIONAIS ENVOLVENDO A RPC

Na atualidade, as seguintes contendas estão atraindo as atenções da mídia e dos analistas de conjuntura política internacional:

- § A reintegração ao território da RPC ou independência definitiva de Taiwan, que Pequim denomina “província rebelde de Taiwan”¹⁹;
- § Aumento da tensão política envolvendo o Japão e a RPC²⁰; e
- § Disputas econômicas no âmbito da Organização Mundial do Comércio, envolvendo os EUA e a RPC²¹.

Complementando o acima exposto, assinala-se que, também na atualidade, não se têm notícias de tensões relevantes envolvendo a RPC e as nações, que na Ásia, detêm artefatos nucleares, ou seja, Rússia, Índia, Paquistão e Coreia do Norte. Como foi mencionado, a Diplomacia chinesa é extremamente hábil e calculista.

Uma vez abordados os aspectos históricos, geográficos, sociais, políticos e econômicos da RPC, é chegado o momento de conhecer e analisar os interesses nacionais da RPC. Mas afinal, quais são eles?

¹⁹ Disponível em <http://www.cartacapital.com.br>

²⁰ Disponível em <http://www.nikkeibrasil.com.br>

²¹ Disponível em <http://g1.globo.com>.

OS INTERESSES NACIONAIS DA RPC

Segundo Dan (2006, p. 216), os Interesses Nacionais da RPC estão subdivididos em dois grupos: os básicos que são “[...] fundamentais e prioritários para o Estado [...]” e os essenciais que “[...] revelam-se a fim de corresponder, apoiar, garantir e aumentar os interesses nacionais básicos[...]”. A mesma autora assim os descreve:

Por ordem de prioridade, os interesses nacionais básicos da China são:

- 1) assegurar a integridade territorial, a independência da soberania, a unidade da nação e a unificação do Estado;
- 2) assegurar a estabilidade política e social, evitar a impedir quaisquer tumultos políticos e desordens sociais;
- 3) realizar o crescimento económico [Sic] contínuo, estável e racional e reduzir todos os riscos económicos.

De igual forma, por ordem de prioridade, os interesses nacionais essenciais da China são:

- 1) aumentar a quota da exportação comercial e não comercial da China no mercado internacional, aumentar a importação de recursos e produtos que são escassos internamente, absorver capitais estrangeiros e introduzir tecnologias avançadas internacionalmente;
- 2) manter e salvaguardar as circunstâncias periféricas relativamente estáveis e promover a prosperidade económica [Sic] e paz da Ásia do Pacífico;
participar activamente [Sic] nos assuntos internacionais e assegurar a ordem internnacional nas suas várias dimensões.
- 3) participar activamente [Sic] nos assuntos internacionais e assegurar a ordem internacional nas suas várias dimensões.

A análise desses interesses nacionais permite o estabelecimento das seguintes correlações com os conteúdos dos tópicos anteriores:

- § interesse básico “1”: correlação com os aspectos históricos (1.1), geográficos (1.2), social (1.3), político (1.4), económico (1.5) e político internacional (1.6 e 1.7).
- § interesse básico “2”: correlação com os aspectos social (1.3) e político (1.4).
- § interesse básico “3”: correlação com os aspectos social (1.3), político (1.4), económico (1.5) e político internacional (1.6 e 1.7).
- § interesse essencial “1”: correlação com os aspectos económico (1.5) e político internacional (1.6 e 1.7).

§ interesse essencial “2”: correlação com os aspectos econômico (1.5) e político internacional (1.6 e 1.7).

§ interesse essencial “3”: correlação com o aspecto político internacional (1.6 e 1.7).

Complementando esta análise, também é digna de registro, a constatação de que cinco dos seis interesses nacionais expostos²² estão diretamente relacionados com a possibilidade do emprego da força por parte do Estado chinês, ou seja, dependem da existência de uma estrutura militar e policial adequada. A consecução do interesse nacional remanescente, em menor grau, também tem relação com as mesmas forças de segurança estatais, uma vez que, normalmente, as demandas e tecnologias bélicas contribuem com o crescimento econômico de qualquer país.

Uma vez identificada a importância estratégica da estrutura militar chinesa, cabe assinalar que a mesma enseja a existência de uma marinha de guerra moderna, equipada e pronta. Esta necessidade decorre, principalmente, de dois fatos atinentes a RPC: que é o segundo maior importador de petróleo do planeta²³ (em 2006, algo em torno de 145 milhões de toneladas) e que é responsável, em nível global, por significativa parcela do tráfego de cargas pela via marítima. No atual contexto econômico mundial, a permanente desobstrução das vias marítimas Estreito de Ormuz-RPC, Mar Vermelho-RPC, Atlântico Sul-RPC e Leste Africano-RPC é imperiosa e vital. O controle das águas jurisdicionais chinesas é outra questão estratégica que depende exclusivamente deste mesmo poder naval, uma vez que, a exemplo do que ocorre no Brasil, está associado aos institutos do mar territorial, zona contígua e zona econômica exclusiva (ZEE). Por analogia ao conceito da “Amazônia Azul” brasileira, a China tem razões estratégicas de sobra para instituir, por exemplo, um “Tibet Azul”.

Na próxima seção, dando prosseguimento ao desenvolvimento deste trabalho, será abordada com maior detalhamento a atual situação do EPL. Como demonstrado anteriormente, uma peça estatal revestida de grande importância estratégica.

O EXÉRCITO POPULAR DE LIBERTAÇÃO

Estrutura equivalente ao Ministério da Defesa brasileiro, o Exército Popular de Libertação (EPL) é constituído por quatro²⁴ forças armadas secundárias: força terrestre, força aérea, força naval e forças estratégicas e nucleares. Ao todo, estima-se que a soma dos efetivos parciais alcance a casa

²² Interesses nacionais básicos 1 e 2. Interesses nacionais essenciais 1, 2 e 3.

²³ FOLHAONLINE (2007)

²⁴ (LOBO, [1999?], p.17)

dos 2.300.000²⁵ combatentes em atividade, constituindo-se no maior contingente militar do planeta. Em complementação, é interessante assinalar que os efetivos totais das forças auxiliares e policiais giram em torno de 1.200.000 homens²⁶.

FORÇA TERRESTRE (EXÉRCITO).

A força terrestre do EPL é o maior e mais importante componente do EPL. Sua origem confunde-se com as origens do PCCh, ficando absolutamente claro, conforme observado na segunda fase da Guerra Civil chinesa, Revolução Cultural e Massacre da Praça da Paz Celestial, que este segmento é o braço armado e principal viga de sustentação do sistema político vigente na RPC, em outras palavras, uma espécie de “Guarda Pretoriana”²⁷. A partir desta constatação, levando-se em consideração a carência de dados específicos, supõe-se que a modernização do EPL, tenha iniciado e venha ocorrendo com maior intensidade neste segmento.

A análise dos dados e opiniões constantes do anexo B evidenciam que o perfil do EPL da RPC ainda é defensivo ou dissuasório no que se refere às ameaças externas de grande poderio bélico. Todavia há de se considerar a sua superioridade e caráter ofensivo ou expansionista em relação a alguns países vizinhos (por exemplo: Mianmar, Vietnam e Laos).

FORÇA AÉREA (AERONÁUTICA).

Dada a sua importância estratégica no contexto da defesa e manutenção do espaço aéreo nacional, bem como no eventual emprego contra os “inimigos internos”, a Força Aérea da RPC vem acompanhando a modernização da Força Terrestre do EPL. Abordando esta ampliação de poderio aéreo, Lobo ([1999?], p.10) faz o seguinte comentário:

Nos últimos anos, em especial na década de 90, avanços significativos foram alcançados com o desenvolvimento de aeronaves mais sofisticadas, em especial caças supersônicos, de modelo chinês, como interceptadores J-8 I/II. Nos últimos anos, a Rússia forneceu a China caças SU-27 (J-11, produzido localmente) e SU-30, com tecnologia sofisticada, e voltados para a superioridade aérea e interceptação. O antigo inimigo, a Rússia, tornou-se um oportuno fornecedor de tecnologia de ponta na área militar.

²⁵ (LOBO, ([1999?], p.17)

²⁶ (LOBO, ([1999?], p.17)

²⁷ (RECCO, 2003). Disponível em <http://www.folha.uol.com.br>

Ainda sobre a modernização da força aérea da RPC, também é importante assinalar a futura dotação deste segmento do EPL com os avançados caças bombardeiros J-10, com projeto, tecnologia e produção totalmente nacionais.²⁸

A apreciação dos dados expostos nesta abordagem, corroboradas pelas informações constantes do anexo B e limitações, respectivamente, indicadas por Lobo ([1999?], p.10) e Rühl (2005, pp. 95-96), ou seja, que a força aérea da RPC “tem reduzida capacidade ofensiva contra seus vizinhos fronteiriços” e que tem reduzida capacidade “defensiva contra ataques vindos do mar (operações navais e desembarques anfíbios)”, evidenciam que o perfil da força aérea da RPC também é defensivo ou dissuasório.

FORÇA NAVAL (MARINHA).

Em face da já mencionada importância estratégica para os países com fronteira marítima, de se constituir e tornar operacional uma força naval” moderna e devidamente equipada, não é sensato supor que a Marinha da RPC tenha sido alijada do processo de modernização que atingiu os demais componentes do EPL.

Também nos estudos de Lobo ([1999?]; p.p. 12-13), consta que, “[...] inicialmente, relegada a um segundo plano em relação aos demais componentes do EPL da RPC, a Força Naval passou a experimentar um vigoroso desenvolvimento a partir da metade da década de 80 [...]”. Prosseguindo, o mesmo autor detalha esta evolução, informando que “[...] De um inventário basicamente restrito a lanchas de ataque e submarinos soviéticos obsoletos, o país passou a investir na compra e produção de meios navais modernos, tais como submarinos nucleares, submarinos convencionais, fragatas e destróieres.[...]”

Segundo a Federation of American Scientist²⁹, atualmente, a Marinha da RPC possui um efetivo de 250.000 homens, o qual está distribuído por três comandos (Frota do Mar do Norte, Frota do Mar do Leste e Frota do Mar do Sul). A mesma fonte³⁰, aponta que até o ano de 2010, a RPC disporá dos meios navais especificados no Anexo B.

O estudo dos dados e informações expostas neste tópico evidenciam que o perfil da marinha de guerra da RPC, tal como ocorre com as forças terrestre e aérea, é igualmente defensivo ou dissuasório.

²⁸ Disponível em <http://www.chinatoday.com>.

²⁹ Disponível em <http://www.fas.org>.

³⁰ Disponível em <http://www.fas.org>.

FORÇAS ESTRATÉGICAS E NUCLEARES.

Importante segmento do EPL, as forças estratégicas têm a responsabilidade de gerenciar e operar o arsenal de mísseis convencionais e nucleares existente na RPC, que por seu grande poder de destruição, constituem a principal ferramenta dissuasória de que dispõe a RPC. No anexo B, constam informações relativamente atualizadas sobre as Forças Estratégicas e nucleares da RPC.

Na visão de Lobo ([1999?], p. 14-15), “[...] a capacidade nuclear chinesa ainda é defensiva, com perfil dissuasório, assemelhando-se ao modelo francês, o qual apresenta uma estratégia nuclear-nacionalista [Sic] e defensiva em essência [...]”.

O FUTURO DA FORÇA NAVAL NO PERÍODO DE 2007 A 2020.

Conforme exposto no final da seção 1, em decorrência do atual contexto econômico mundial, cresceu a importância estratégica da força naval da RPC, ao ponto de torná-la imprescindível à consecução dos interesses nacionais vigentes no ex-Império do Meio. Se o governo de Pequim ainda não compreendeu que, do mar, dependem, a prosperidade e a perpetuação da nação chinesa, deve fazê-lo de imediato, pois o ensinamento inserido na frase “[...] esquadras não se improvisam [...]”³¹ (grifo nosso), de autoria de Rui Barbosa, é incontestado e provoca reflexões em qualquer nação do planeta.

Reforçando este último raciocínio, Till (2005, p.16) alerta que:

Uma outra razão para a importância atribuída ao controle dos mares é o fato da sua utilização ser possível, tanto no ataque, quanto na proteção do comércio; na projeção sobre outros países, na defesa contra a projeção de poder por outros países e para todo o tipo de contribuição à segurança marítima global e regional.

Há algum tempo, aguçando o imaginário dos analistas militares internacionais, perdura uma pergunta ainda não respondida pelas autoridades chinesas: como a RPC modernizará e reaparelhará a sua força naval no futuro próximo? Duas possibilidades serão abordadas na próxima e derradeira seção.

³¹ Amplamente difundida no âmbito interno da MB.

O FUTURO DA FORÇA NAVAL

Uma vez definida a importância estratégica da força naval da RPC, é chegado o momento de delinear o seu futuro (até o final de década de 10), tendo como orientação principal, o fato de que há duas opções de caminhos a serem consideradas: o “defensivo ou da dissuasão” e o “agressivo ou da expansão”. Ao abordar este dilema, Glaser (2005, p.43, grifo nosso), com pertinência, empregou a expressão [...] “encruzilhada estratégica” [...]...E, realmente, a China encontra-se neste tipo de “encruzilhada”.

ESTRATÉGIA DEFENSIVA OU DISSUASÓRIA

Considerando os atuais interesses nacionais da RPC, imagina-se que o EPL esteja sendo modernizado para, quando necessário, dissuadir nações inimigas a não atacar o território chinês, sob pena de experimentarem elevada resistência e terem de gastar vultosas somas de recursos financeiros. Como Pequim não torna público os seus planos e projetos militares e o Pentágono idem (os planos chineses), sabe-se muito pouco sobre “como”, “onde” e “em que intensidade” está ocorrendo a modernização e ampliação da capacidade bélica dos quatro segmentos do “braço armado” do PCCh. De concreto, há o reconhecimento oficial por parte das autoridades chinesas sobre o aumento de cerca de 18% dos gastos militares em relação ao ano de 2006, em outras palavras, algo próximo de 56 bilhões de dólares.[!] ³² ³³ Comparativamente, em ordem decrescente, EUA, RPC e Rússia têm as maiores previsões de gastos em 2007 (ver o anexo C).

Neste contexto, em função da importância estratégica da marinha chinesa para a consecução dos interesses nacionais da RPC, supõem-se que à mesma cabe, entre outras missões, contribuir com a proteção das cidades e estruturas costeiras estratégicas, garantir a soberania sobre o seu mar territorial e manter liberadas, as linhas de navegação de seu interesse.³⁴

Desta forma, seguindo o consenso universal de que nações marítimas não podem prescindir de um poder naval adequado, acredita-se que importantes investimentos estão sendo e serão realizados no âmbito força naval do EPL nos próximos anos, no intuito de modernizá-la e de reaparelhá-la. A operação, em curso, de submarinos nucleares e convencionais de ataque é uma interessante

³² (COSTA, 2007, pp. 42-43).

³³ Em RÜLL (2005, pp-93-94), menciona-se que [...] as análises americanas chegam à estimativa de que a China despenderia em armamento aproximadamente o triplo daquilo que o orçamento público informa atualmente e que o ministro da Defesa chinês informou em outubro de 2005.[...].

³⁴ Principalmente, as relacionadas com a importação de petróleo, alimentos e matérias primas para as indústrias de base. Caso contrário, tornar-se-á vulnerável aos eventuais bloqueios marítimos que venha a ser submetida, quando da ocorrência de crises internacionais. Em se tratando da RPC e seu 1,5 bilhão de habitantes, é óbvio que a submissão a futuros bloqueios marítimos alienígenas implicará, no âmbito nacional e internacional, em graves conseqüências econômicas, políticas e sociais.

opção estratégica a ser ampliada³⁵. O mesmo pode ser dito com relação ao aumento do número de embarcações e aeronaves destinadas à guerra anti-submarinos e guerra de superfície, que, na prática, por similaridade às necessidades japonesas, Rüll (2005, p. 100) traduz-se pela posse de “[...] porta-helicópteros, cruzadores destróieres porta-mísseis [...]”.

Ainda sobre esta estratégia defensiva ou dissuasória, também é interessante considerar as seguintes sugestões genéricas efetuadas por Galante ([1998?], p.5), no que se refere a uma eventual agressão dos EUA:

[...] os países menos capazes tecnológica e economicamente, que queiram contrapor-se à ameaça do poder aeronaval americano, devem investir em guerra de minas, manter uma moderna aviação de ataque de longo alcance baseada em terra, capaz de realizar ataques de saturação com mísseis anti-navio, instalar baterias de mísseis supersônicos anti-navio na costa e investir sobretudo em submarinos, equipados com mísseis anti-navio e mísseis de cruzeiro. Um ataque bem sucedido a um NAe pode não afundá-lo, mas pode colocá-lo fora de combate temporariamente (mission kill) e forçar negociações diplomáticas, caso a questão em disputa não seja de interesse vital para os EUA.

ESTRATÉGIA OFENSIVA OU EXPANSIONISTA

Considerando a possibilidade da RPC rever os seus interesses nacionais e passar a adotar uma postura agressiva no SI, imagina-se que o seu poderio naval terá que ser ampliado para enfrentar e derrotar um adversário do porte da combinação EUA-OTAN ou Federação Russa em separado. Esta projeção decorre do fato de que, provavelmente, a comunidade internacional reagirá a qualquer atitude expansionista da RPC, seja ela contra nações mais fracas ou de mesma capacidade bélica. Corroborando tal hipótese, ressalta-se o fato de que Japão, Coreia do Sul e Taiwan, inimigos históricos e alvos potenciais, são tradicionais aliados militares e parceiros econômicos dos EUA. Semelhante parceria³⁶ vigora entre Reino Unido, Índia e Paquistão. (FIG. 1)

No que tange à questão de Taiwan, faz-se necessário esclarecer, que para poder retomar a sua “província rebelde” à força, a marinha chinesa necessita e

³⁵ (CARVALHO, 2006, p. 3).

³⁶ Comunidade Britânica.

necessitará de maciços investimentos financeiros, com fulcro de modernizá-la e reaparelhá-la (nada impossível, em se tratando de China). Equipada com tecnologia de ponta e, provavelmente, muito bem adestrada em decorrência da sua prontidão permanente, a marinha taiwanesa constitui-se num difícil obstáculo a ser superado. Na atualidade, pode-se depreender que a China ainda não reúne as condições necessárias para triunfar, sem elevadas perdas humanas e materiais, sobre o seu segundo maior inimigo histórico³⁷. Supondo uma decorrente intervenção internacional pós-confronto armado RPC-Taiwan, ficariam bem empregados nesta hipotética situação, os seguintes ensinamentos afetos à “Arte da Guerra”:

A guerra é uma questão vital para o Estado. Por ser o campo onde se decidem a vida e a morte, o caminho para a sobrevivência ou para a ruína, torna-se de suma importância estudá-la com muito cuidado em todos os seus detalhes [...] Comumente, para uma operação de guerra são necessários mil carros rápidos, de quatro cavalos, mil carroções revestidos de couro, também de quatro cavalos, e cem mil homens protegidos com armaduras de malha [...] o essencial de guerra é a vitória, e nunca as prolongadas operações [...] (SUN TZU, 2005, pp .23, 33 e 38).

No quadro abaixo, com a finalidade de fundamentar as asserções inclusas no parágrafo anterior, são listados os meios que Taiwan dispunha em 2000 e que disporá até 2010:

QUADRO 1
Inventário de navios de guerra da marinha de Taiwan

TIPO	2000	2010
Destróieres	7	4
Fragatas	21	36
Embarcações de ataque rápido lançadoras de mísseis	62	41
Submarinos	4	12
Navios anfíbios	15	14

Fonte: Federation of American Scientist (<http://www.fas.org>)

Rühl (2005, p.95) assinala-se que a partir do momento em que a RPC passar a operar navios aeródromos modernos³⁸, mobiliados com aeronaves

³⁷ O Japão é o maior.

³⁸ Segundo Galante ([1998?], p. 2), em 1998, os EUA possuíam 12 unidades em operação.

compatíveis com as empregadas na marinha norte-americana, ficará caracterizada a mudança da sua postura estratégica, ou seja, de dissuasória ou defensiva para ofensiva ou expansionista . Reforçando este conceito, Galante ([1998?], p. 2) afirma que “[...] se um conflito armado for mesmo inevitável, poucos países do mundo poderiam fazer frente à capacidade bélica de um NAE Americano – cujos aviões possuem um poder de fogo superior ao de muitas forças-aéreas do planeta [...]”.

Todavia, não há como ignorar o binômio tempo-dinheiro...A construção de navios-aeródromos de última geração é extremamente cara e de operacionalização demorada. Na melhor das hipóteses, levando-se em consideração o estabelecimento de cronogramas factíveis e o aporte contínuo de recursos financeiros em níveis ideais, pode-se imaginar que, no período de 2015-2020 ³⁹, venha a ocorrer a transformação da atual marinha chinesa em potência naval com capacidade de operar e impor-se em “águas azuis”⁴⁰.



FIG 1. Nesta fotografia de satélite, observa-se a proximidade da RPC dos Oceanos Pacífico e Índico e a localização dos atores União Européia (UE), Rússia, Irã, Iraque, Índia, Coréia do Sul, Coréia do Norte, Taiwan e Japão. Destaca-se também, a proximidade do nordeste da África e do Oriente Médio (regiões com significativas reservas de petróleo)

³⁹ (RÜHL, 2005, p. 96).

⁴⁰ Na atualidade, privilégio da marinha dos EUA.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org.br>

Encerrando o desenvolvimento deste estimulante tema, faz-se o seguinte questionamento e, em ato contínuo, apresenta-se uma verdade histórica: considerando o período estimado na seção secundária 1.5 (entre 23 a 33 anos), poderá a China ou RPC, exclusivamente à base do “soft power”, tornar-se a nação mais rica e influente do planeta? A história universal, com inúmeros exemplos nos últimos 500 anos, assinala que a supremacia econômica vigente (EUA) e todas as anteriores foram garantidas e, em alguns casos, conquistadas pelo uso da força...

CONCLUSÃO

Cinco dos seis atuais interesses nacionais da RPC (fundamentados pelos aspectos históricos, geográficos, sociais, econômicos e políticos chineses), encerram, nas suas entrelinhas, a necessidade da existência de uma robusta estrutura militar. Apesar de, em termos práticos, contabilizar significativas demandas materiais e financeiras decorrentes da estrutura militar estabelecida, a consecução do interesse remanescente (relacionado à economia), não implica, necessariamente, na constituição de poderosos exércitos.

Materializando este indispensável poder militar e exercendo a função de braço armado do PCCh, o EPL é formado por quatro segmentos secundários: as forças terrestre, aérea, naval e estratégicas e nucleares. Diante do atual contexto econômico e político mundial, ressalta-se a importância estratégica da força naval da RPC.

Atual “locomotiva” da economia global, a RPC vem, gradualmente, assumindo posição de destaque no SI. Em paralelo a estes incrementos, outro inquietante crescimento tem chamado a atenção do mundo: o relacionado ao setor de defesa. Contornando a dissimulação tradicional e as negativas recorrentes do governo de Pequim, as opiniões dos especialistas convergem para o fato de que a RPC está se armando paulatina e constantemente. Corroborando este consenso, há os argumentos da legítima necessidade de constituição de um poder naval com característica defensiva ou dissuasória e do crescente orçamento militar (atualmente, o segundo maior do planeta). A constituição de um poder naval com característica ofensiva ou expansionista também é uma opção a ser considerada, pois, por trás dos discursos pacifistas, há os homens gananciosos e a imprevisibilidade do Sistema Internacional.

Diante deste dilema, considerando o período de 2007 a 2020, supõem-se o acatamento ou consideração de duas opções estratégicas (linhas de ação). Na primeira, tendo em vista os atuais interesses nacionais e o controle das águas jurisdicionais da China, vislumbra-se a necessidade de investimentos em meios navais atinentes às Guerras Submarina e de Superfície. Na segunda, visando o

rompimento de eventuais bloqueios navais alienígenas e possíveis ações expansionistas, assinala-se a imprescindível aquisição ou construção de aeronaves de ataque e porta-aviões modernos, os quais possibilitariam a atuação da marinha chinesa em “águas azuis” (na atualidade, privilégio da marinha dos EUA).

Finalizando, é oportuno salientar que as lições decorrentes deste estudo e do acompanhamento da “encruzilhada estratégica” exposta, poderão subsidiar futuras modificações doutrinárias no âmbito da MB e revisões de políticas governamentais afetas ao poder naval do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **A DEFINIÇÃO do futuro de Taiwan é um risco para a paz mundial que continua a ser empurrado com a barriga.** Cartacapital. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/edicoes/2005/03/335/2013/?searchterm=FORMOSA>>. Acesso em 20 mar. 2007.
2. CARVALHO, R. G. **Submarinos: a visão da Marinha.** Boletim de Ordens e Notícias da Marinha do Brasil (BONO), Rio de Janeiro, nº 806, 19 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.ditelm.mb>>(intranet). Acesso em 19 dez 2006.
3. **A CHINA Information Base.** Disponível em: < <http://www.chinatoday.com/arm/>>. Acesso em: 22 mar. 2007.
4. COSTA., A.L. M. C. **As garras do dragão – China – Orçamento militar e armas espaciais respondem ao desafio bélico dos EUA.** Cartacapital, São Paulo, ano 13, nº 435, p. 42-43, março 2007.
5. DAN, W. **Globalização e interesses nacionais: a perspectiva da China.** Coimbra: Edições Almedina, SA. 2006. 424 p.
6. FAIRBANK, J. K.; GOLDMAN, M. G. **China: uma nova história.** Porto Alegre. L&PM Editores. 2006. 469 p.
7. FAS. **General information about People’s Republic of China.** Disponível em: <<http://www.faz.org/main/content.jsp?formAction=297&contentId=164>>. Acesso em: 22 mar. 2007.
8. _____. **People’s Liberation Army Navy.** Disponível em: <<http://www.fas.org/man/dod-101/sys/ship/row/plan/index.html>>. Acesso em 26 mar. 2007.

9. _____. **Republic of China Navy**. Disponível em: <<http://www.fas.org/man/dod-101/sys/ship/row/rocn/index.html>>. Acesso em: 10 ago. 2007.
10. _____. **Rest-of-world land combat systems**. Disponível em: <<http://www.fas.org/man/dod-101/sys/land/row/index.html>>. Acesso em: 26 mar. 2007.
11. FISHMAN, T. C. **China S.A.:** como o crescimento da próxima superpotência desafia os Estados Unidos e o mundo. Rio de Janeiro. Ediouro. 2006. 376 p.
12. FOLHAONLINE. **Investimento externo na China sobe 10%; compra de petróleo cresce 10,8%**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u117202.shtml>.
13. FRANÇA, J. L. et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 7ª ed. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 242 p.
14. G1. **China reclama de processo dos EUA contra pirataria**. Disponível em : <<http://www.g1.globo.com/Noticias/Economia/0,,AA1512914-5599,00.html>>. Acesso em: 11 abr. 2007.
15. GALANTE, A. **Os navios-aeródromos na nova ordem mundial**. [1998?], 6 p. Disponível em: <http://www.naval.com.br/biblio/naes_nova_ordem/dossie07.htm>. Acesso em 26 mar. 2007.
16. GLASER, B. S. **Os temores dos EUA:** o poder da China aumenta rapidamente. Cadernos Adenauer, Rio de Janeiro, volume 1, ano VII, p. 43-49, abril 2006. Publicado em Internationale Politik – China, China, China, DGAP, n. 12, p.31-35, dez. 2005.
17. GRYZINSKY, V. **A novíssima China**. Veja, São Paulo, n° 1968, p. 104-111, ago. 2006.
18. HENG, L. **Why China chooses not to built aircraft carrier**. Disponível em: <http://www.defesanet.web.terra.com.Br/noticia/chinacarrier/>. Acesso em 26 mar.2007.
19. J., L. **A simbiose com os EUA**. Veja, São Paulo, n° 1968, p. 154-159, ago. 2006.
20. JARDIM, L. **A ordem é crescer**. Veja, São Paulo, n° 1968, p. 146-153, ago. 2006.

21. LOBO, C. E. R. **A República popular da China e a Trajetória das Suas Forças Armadas**. São Paulo: Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico (GEAP) da PUC-SP. Disponível em <<http://www.pucsp.br/geap/artigos/art3.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2007. 25 p. Ensaio.
22. LOONG, L. H. **Integração em uma nova Ásia**: como a ascensão da China modifica a arquitetura internacional. Cadernos Adenauer, Rio de Janeiro, volume 1, ano VII, p. 103-115, abril 2006. Publicado em Internationale Politik – China, China, China, DGAP, n. 12, p. 72-80, dez. 2005.
23. MILNET. **The China threat**. Disponível em: <<http://www.milnet.com/Chinese-and-Terrorism.html>>. Acesso em: 22 mar. 2007.
24. NICKYBRASIL. **Japão teme expansão do poder militar da China**. Disponível em <http://www.nickeybrasil.com.br/noticia.php?cod=277>. Acesso em: 23 mar. 2007.
25. RECCO, C. B. **História**: a “pax” que o imperialismo deseja. Folhaonline. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educação/ult305u12818.shtml>. Acesso em: 07 ago. 2007.
26. RICUPERO, Rubens. **A Geoestratégia do petróleo**. (publicado na Folha de São Paulo em 25 abr. 2004). Disponível em: <http://clipping.planejamento.gov.br/NoticiasImpressao.asp?>. Acesso em: 22 ago. 2007.
27. RÜHL, L. **Uma longa partida de xadrez** : realidade e perspectivas na política militar chinesa. Cadernos Adenauer, Rio de Janeiro, volume 1, ano VII, p. 93-102, abril 2006. Publicado em Internationale Politik – China, DGAP, n. 12, p. 65-71, dez. 2005.
28. SANDSCHNEIDER, E. **Como tratar um dragão**: sobre o trato do Ocidente com o complicado parceiro chinês. Cadernos Adenauer, Rio de Janeiro, volume 1, ano VII, p. 9-18, abril 2006. Publicado em Internationale Politik – China, China, China, DGAP, n. 12, p. 06-13, dez. 2005.
29. SUNT TZU. **A arte da Guerra**. São Paulo: Martin Claret, 2005. 141 p. (Coleção a obra-prima de cada autor, 54).
30. TILL, G. **Poder marítimo, questões relevantes e desafios**. Revista da Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, número 8, p. 8-31, dez. 2006.

31. TREVISAN, C. **China**: o renascimento do império. São Paulo: Planeta Brasil. 2006. 236 p.
32. **VEJA**. São Paulo: Editora Abril, edição 1968, n. 31, ago. 2006. Encarte central.
33. WIKIPEDIA. **República Popular da China**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica_Popular_da_China>. Acesso em 31 jan. 2007.

ANEXO A
COLETÂNEA DE DADOS ECONÔMICOS SOBRE A RPC

DADO	CONTEÚDO	FONTE
1	[...] Em 2005, o PIB da RPC atingiu 1,9 trilhões de dólares (4º maior) [...]	VEJA (2006, p. 107)
2	[...] PIB <i>per capita</i> = \$ 1.500 (2004). [...]	Trevisan (2006, p.25)
3	[...] Projeções otimistas indicam que no ano de 2050 o PIB da RPC será de 44 trilhões (solidamente à frente dos EUA). [...]	VEJA (2006, p. 107)
4	[...] Em 2005, a RPC passou a ser o terceiro maior mercado automobilístico do mundo, com vendas de 5,76 milhões de unidades, acima de da Alemanha, abaixo dos EUA e colado no Japão. [...]	Trevisan (2006, p.24)
5	[...] A RPC é hoje o principal destino das exportações brasileiras de soja e de minério de ferro e representa quase 6% das vendas nacionais ao exterior. [...]	Trevisan (2006, pp. 24-25)
6	[...] Em 2005, a RPC fabricou (ou montou) 400 bilhões de dólares em produtos de alta tecnologia. [...]	VEJA (2006, p. 148)
7	[...] Em relação ao mundo, a RPC produz 95% dos MP3-players. [...]	VEJA (2006, encarte)
8	[...] Em relação ao mundo, a RPC produz 75% dos CDs e DVDs. [...]	VEJA (2006, encarte)
9	[...] Em relação ao mundo, a RPC produz 70% dos relógios. [...]	VEJA (2006, encarte)
10	[...] Em relação ao mundo, a RPC produz 65% dos monitores. [...]	VEJA (2006, encarte)
11	[...] Em relação ao mundo, a RPC consome 54% do cimento. [...]	VEJA (2006, encarte)
12	[...] Em relação ao mundo, a RPC consome 51% da carne de porco. [...]	VEJA (2006, encarte)
13	[...] Em relação ao mundo, a RPC consome 40% das motocicletas. [...]	VEJA (2006, encarte)
14	[...] Em relação ao mundo, a RPC consome 36% do aço. [...]	VEJA (2006, encarte)
15	[...] Em relação ao mundo, a RPC consome 31% do carvão. [...]	VEJA (2006, encarte)
16	[...] Em agosto de 2006, havia na China 334 milhões de celulares em funcionamento. [...]	VEJA (2006, encarte)
17	[...] Até o final de 2005, havia na China 111 milhões de pessoas com acesso à internet. [...]	VEJA (2006, encarte)
18	[...] Em 2003, a RPC comprou 7% do petróleo mundial, um quarto de todo o alumínio e aço, quase um terço do minério de ferro e carvão e 40% do cimento de todo o globo. [...]	Roach, citado por Fishman (2006, p.23)
19	[...] A RPC está comprando depósitos de petróleo fora de seu território e tem assinado contratos exclusivos de fornecimento com empresas sauditas e russas. [...]	Fishman (2006, p. 9)
20	[...] A RPC é responsável por cerca de um vigésimo de tudo o que se produz no mundo. [...]	Fishman (2006, p. 21)
21	[...] A população da RPC corresponde a um quinto da humanidade e representa o maior mercado que jamais existiu. [...]	Fishman (2006, p. 10)
22	[...] Apesar de apenas 11% do território chinês se prestar à agricultura, a RPC é a campeã na produção de arroz (35% da produção mundial). [...]	VEJA (2006, encarte)
23	[...] Apesar de empregar a maior parte da população, a agricultura contribui com apenas 13,1% da economia nacional, de acordo com os novos números divulgados pelo governo em dezembro de 2005. A atividade industrial representa 46,2% da economia e o setor de serviços, 40,7%, mais do que os 33% estimados anteriormente. No início das reformas, o peso da agricultura girava em torno de 30%. [...]	Trevisan (2006, p.53)

ANEXO B

DADOS SOBRE AS FORÇAS INTEGRANTES DO EPL DA RPC

a) FORÇA TERRESTRE

MEIO (1)	TIPO (1)	MEIO (1)	TIPO (1)	MEIO (1)	TIPO (1)	OBSERVAÇÕES
Tanque	59	Anti-Tanque	HJ-73 (AT 3)	Artilharia	90 122mm	<p>Sobre o EPL da RPC, Lobo ([1999?]; p.7-9) assinala que:</p> <p>- [...] Estrategicamente, está fragmentado em 7 Comandos Regionais (Regiões Militares), com semi-autonomia administrativa. Em caso de invasão do território chinês, estes Comandos ganham autonomia para condução da guerra popular (guerrilha) [...];</p> <p>- [...] Está subdividido em 3 ramos: força principal, força regional e milícia. A força principal destina-se ao combate de exércitos inimigos. A força regional, complemento e apoio da força principal, destina-se à defesa local (guerrilha ou guerra popular de resistência), incluindo a liderança, o treinamento das unidades guerrilheiras). A milícia é a reserva da força principal e da força regional, atuando como último recurso de defesa do território chinês (o povo de armas) e provedora de apoio logístico e informante (inteligência). [...]</p> <p>- [...] Boa parte dos seus blindados, tanques, veículos e artilharia do EPL são baseados em modelos soviéticos, obsoletos se comparados aos modelos dos EUA, OTAN e Japão, mas eficientes para a sua política defensiva. [...]</p>
Tanque	62	Artilharia	54	Artilharia	122mm (?)	
Tanque	63	Artilharia	59/M-46	Artilharia	WM-80 273mm	
Tanque	69	Artilharia	60/D-74	Artilharia	WS-1 320mm	
Tanque	80	Artilharia	66/M-55	Art. Anti-Aérea	55 M1939	
Tanque	85	Artilharia	83 122mm	Art. Anti-Aérea	56 KS-18	
Tanque	90	Artilharia	83 152mm	Art. Anti-Aérea	56 ZPU-4	
Blindado	63	Artilharia	86	Art. Anti-Aérea	58 ZPU-2	
Blindado	77	Artilharia	WAC-021	Art. Anti-Aérea	59 KS-19	
Blindado	85	Artilharia	130mm SPG	Art. Anti-Aérea	59 S-60	
Blindado	86	Artilharia	203mm SPH	Art. Anti-Aérea	63	
Blindado	90	Artilharia	PLZ-45	Art. Anti-Aérea	65	
Blindado	WZ-501	Artilharia	54 SPH	Art. Anti-Aérea	72 KS-12	
Blindado	WZ-503	Artilharia	70	Art. Anti-Aérea	74	
Blindado	WZ-504	Artilharia	83 SPH	Art. Anti-Aérea	80 23mm	
Blindado	WZ-505	Artilharia	85	Art. Anti-Aérea	80 57mm	
Blindado	WZ-506	Artilharia	89	Art. Anti-Aérea	87 25mm	
Blindado	WZ-523	Artilharia	A100 300mm	Art. Anti-Aérea	88 37mm	
Blindado	WZ-551	Artilharia	M-1B 350mm	Art. Anti-Aérea	90 35mm	
Blindado	WZ-751	Artilharia	63 107mm	Art. Anti-Aérea	90II	
Blindado	YW-304	Artilharia	63 130mm	-	-	
Blindado	YW-307	Artilharia	70 130mm	-	-	
Blindado	YW-309	Artilharia	81 122mm	-	-	
Blindado	YW-531	Artilharia	81 107mm	-	-	
Blindado	YW-531H	Artilharia	82 130mm	-	-	
Blindado	YW-701	Artilharia	83 273mm	-	-	
Blindado	YZ-750	Artilharia	85 130mm	-	-	
Anti-Tanque	HJ-8	Artilharia	89 122mm	-	-	

(1) Fonte: <http://www.fas.org>

b) FORÇA AÉREA (continuação do anexo B)

TIPO (2)	DESIGNAÇÃO (2)	UN (2)	OBSERVAÇÕES I (2)	OBSERVAÇÕES II
Caça	MiG-19 (J-6)	1900		<p>O atual quadro da Força Aérea da RPC pode ser resumido aos seguintes tópicos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Segundo a Federation of American Scientist, “[...]a força aérea da RPC possui um efetivo que gira em torno de 400.000 homens [...]”; 2) De acordo Rühl (2005, p. 95), “[...] a força aérea da RPC possui cerca de 1700 aeronaves de diversos tipos, das quais 1.000 são caças-interceptadores e 700 são caças-bombardeiros [...]”; 3) Em grande parte, os modelos de aeronaves existentes baseiam-se em modelos soviéticos, tais como caças MIG 17 (J-5), MIG-19 (J-6), MIG-21(J-7) e bombardeiros médios II-28 (H-5) (LOBO, [1999?], p.10); 4) [...] A aviação de transporte, em fase de estruturação, ainda não tem capacidade estratégica compatível com as existentes na extinta URSS, países da OTAN ou nos EUA. Todavia, possui alguma capacidade estratégica, se for considerado a atuação restrita ao território chinês ou emprego contra países vizinhos com menor poderio aéreo. [...] (LOBO, [1999?], pp. 10-11); e 5) [...] A organização administrativa da Força Aérea da RPC ainda segue os padrões soviéticos de treinamento e estruturação em esquadrões. Estrategicamente, a RPC está dividida em sete regiões semi-autônomas. [...] (LOBO, [1999?], pp. 10).
Caça	MiG-21(J-7)	720		
Caça	J-8 I/II/III	222		
Caça	Su27SK (J-11)	55	Similaridade: F-15 Eagle F-14 Tomcat MiG-29 Fulcrum	
Caça	MiG-19 (Q-5)	440		
Caça-Bombardeiro	H-5/II-28	307		
Caça-Bombardeiro	H-6/Tu-16	142		
Transporte	II-76	10		
Transporte	Y-5/An-2	?		
Transporte	Y-7/An-24	?		
Transporte	Y-8/An-12	?		
Missão Especial	Y-8	?		
Missão Especial	A-50	?		
Caça	J-8	?	A ser produzido	
Caça	JH-7	?	Ataque nuclear	
Caça	J-10 (F-10)	300 (?)	Em produção (?)	
Caça	Su-27	-	A ser produzido	
Caça	Su-30	24	A ser produzido	
Caça	Su-30MK	30-60	A ser produzido	

(2) Fonte: site www.milnet.com

c) **FORÇA NAVAL DO EPL (3)** (continuação do anexo B)

TIPO (4)	CLASSE (4)	UN (4)	OBSERVAÇÕES I (4)	OBSERVAÇÕES II (4)
Destroyer 956	Sovremenny	4		<p>1) Segundo a Federation of American Scientist, atualmente, [...] na Marinha da RPC, apenas sete de todos os seus navios (especificamente, nas classes Luhai, Luhu e Jiangwei) apresentam padrões tecnológicos compatíveis ou bem próximos dos mais modernos meios combatentes de superfície existentes no mundo [...];</p> <p>2) A RPC não dispõe de sequer um NAe (oficialmente o NAe Kiev, comprado aos Russos, pertence a uma empresa de entretenimento) (HENG, 2002);</p> <p>3) Marinha da RPC dispõe de cerca de 56.000 fuzileiros navais e de uma Força de Defesa Costal (http://www.wikipedia.org);</p> <p>4) No que se refere à aviação naval, Rühl (2005, p.95) afirma, sem citar o período ou momento exato, que “[...] a Marinha Chinesa só dispõe de 20 aviões de combate (todos baseados em terra) [...]”;</p> <p>5) Também sobre o atual perfil da Aviação Naval da RPC, Lobo ([1995?], p. 11) cita quatro fatos importantes:</p> <p>1) [...] a distribuição estratégica é idêntica ao observado na Marinha da RPC, ou seja, três frotas (Norte, Leste e Sul) [...]”;</p> <p>2) [...] seus tipos de aeronaves são semelhantes aos disponíveis na Força Aérea [...]”; e</p> <p>3) [...] possui helicópteros relativamente modernos, de tecnologias originais russas e francesas (de fabricação nacional, mediante licença) [...].</p> <p>(3) Situação prevista para 2010; e (4) Fonte: http://www.fas.org.br.</p>
Destroyer 054	Luhai	5		
Destroyer 052	Luhu	2		
Destroyer 051	Luda	~11		
Fragata 054	Maanshan	8		
Fragata 059	Jiangwei III	3		
Fragata 057	Jiangwei II	6-8		
Fragata 055	Jiangwei	~25		
Fragata 053	Jianghu			
Navio Lançador de Mísseis Guiados	Houjian	4		
Navio Lançador de Mísseis Guiados	Houxin	~36		
Navio Lançador de Mísseis Guiados	Houngfeng	~25		
Submarino 094	NEWCON SSBN	~8	?	
Submarino 093	NEWCON SSN	4	?	
Submarino 091	Han SSN	5	Nuclear	
Submarino 091	Kilo	4	Convencional	
Submarino 039	Song	5	Convencional	
Submarino 035	Ming	20	Convencional	
Submarino 033	Romeo	15	Convencional	
Submarino 031	Wuhan	1	Convencional	
Amphibius Warfare 074	Yuting	20		
Amphibius Warfare 072	Yukan	7		
Amphibius Warfare 072	Yudeng	11		
Amphibius Warfare 073	Yudao	1		
B-6	Bombardeiro	30		

d) **FORÇAS ESTRATÉGICAS DO EPL** (continuação do anexo B)

ESPECIFICAÇÃO (5)	TIPO (5)	OBSERVAÇÃO I (5)	OBSERVAÇÃO II
DF-11/M-11	Convencional	Alcance de 300 km	Segundo Rühl (2005, p.95), sem precisar o momento exato (supõem-se que em torno de 2005), a RPC possuía os seguintes meios estratégicos: 1) “[...] 30 mísseis intercontinentais para ogivas nucleares [...]”; 2) “[...] 110 mísseis de médio alcance para ogivas nucleares e convencionais[...]”; 3) “[...] 450 a 500 mísseis de curto alcance[...]”. Em complementação ao acima exposto, merecem atenção os seguintes dados: 4) “[...] As forças estratégicas e nucleares do EPL tem capacidade operacional para efetuar lançamentos a partir de plataformas terrestres, submarinos nucleares da classe Xia e bombardeiros H-6 [...]” (LOBO, [1999?], pp. 14-15); 5) Estima-se que “[...] 100.000 militares atuem na gestão das Forças Estratégicas do EPL [...]” (http://www.fas.org); 6) Apesar de Pequim negar, a RPC possui tecnologia e infra-estrutura para produzir ogivas químicas e biológicas (http://www.milnet.com) [...]; e 7) Ainda não se tem notícia de que o EPL da RPC possua um escudo anti-mísseis (similar ao que os EUA está tentando instalar na borda leste da Europa). Dada a atual capacidade técnico-científica da RPC, não tardará o momento em que ocorrerá o domínio desta imprescindível tecnologia militar (nota do autor).
DF-15/M-19	Convencional	Alcance de 600 km	
DF-3A/CSS-2	Nuclear	Alcance de 2.800 km	
DF-4	Nuclear	Alcance de 4.800 km	
DF-5	Nuclear	Alcance de 13.000 km	
DF-31	Nuclear	Alcance de 8.000 km	
DF-21/CSS-5	Nuclear	Alcance de 1800 km	
JL-1/CSS-NX-3	Nuclear	Alcance de 1000-1800 km	
Ji-2	Nuclear	?	
CSS-4 Mod 2	Nuclear	Alcance de 13.000 km	
CSS-6	Nuclear	Alcance de 600 km	
CSS-7	Nuclear	Alcance de 300 km	

(5) Fonte: <http://www.milnet.com>

ANEXO C

EVOLUÇÃO COMPARATIVA DO ORÇAMENTO DA ÁREA DA DEFESA NA RPC

EUA	US\$ (BILHÕES)	RPC	US\$ BILHÕES)	RÚSSIA	US\$ BILHÕES)
1990	431	1990	12	1990	126
1995	337	1995	14	1995	16
2000	322	2000	22	2000	14
2001	325	2001	26	2001	16
2002	365	2002	31	2002	17
2003	415	2003	34	2003	19
2004	453	2004	38	2004	19
2005	478	2005	41	2005	21
2006	502	2006	47	2006	26
2007	537 (1º)	2007	56 (2º)	2007	33 (3º)

Fonte: (COSTA, 2006, p. 42).

ANEXO D
COLETÂNEA DE DADOS SOCIAS SOBRE A RPC

ITEM	DADO	FONTE
1	[...] 92% dos chineses são etnia han e 8% pertencem a outras 55 etnias. [...]	VEJA (2006, encarte)
2	[...] 10% da população ad RPC tem renda média anual acima de 1.501,00 dólares. [...]	VEJA (2006, encarte)
3	[...] 13% da população ad RPC tem renda medial anual entre 901 e 1.500 dólares. [...]	VEJA (2006, encarte)
4	[...] 30% da população ad RPC tem renda medial anual entre 731 e 900 dólares. [...]	VEJA (2006, encarte)
5	[...] Quase metade dos chineses ainda vive abaixo da linha da pobreza, ou seja, com renda medial anual inferior a 730 dólares. [...]	VEJA (2006, encarte)
6	[...] A renda <i>per capita</i> em Xangai é de 7.200 dólares (província mais rica). [...]	VEJA (2006, encarte)
7	[...] A renda <i>per capita</i> média do país é de 1300 dólares. [...]	VEJA (2006, encarte)
8	[...] A renda <i>per capita</i> em Guizhou é de 550 dólares (província mais pobre). [...]	VEJA (2006, encarte)
9	[...] 60% da população chinesa, ou 760 milhões de pessoas, ainda vivem no campo. [...]	VEJA (2006, encarte)
10	[...] 94% da população chinesa vive concentrada numa área que corresponde a apenas 40% do território chinês. [...]	VEJA (2006, encarte)
11	[...] Pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde no fim de 2003 com 190 mil pessoas concluiu que 36% dos moradores das cidades e 39% dos que vivem no campo deixaram de procurar médicos por não terem condições de pagar a consulta. [...]	Trevisan (2006, p. 59)
12	[...] Entre 1979 e 2002, o crescimento econômico retirou da pobreza o fantástico número de 400 milhões de pessoas, segundo dados do Banco Mundial. [...]	Trevisan (2006, p. 9)